

SER-PARA-A-MORTE: O COTIDIANO E O AUTÊNTICO¹ [Being-for-death: The quotidian and the authentic]

Marta Maria Coelho Damasceno*
Maria Francilita Frota Loureiro**
Regina Lúcia Mendoza Lopes***

RESUMO: Estudo fenomenológico que trata da análise do tema “morte” através do enredo do filme: “De quem é a vida afinal?” Tem como objetivo compreender os comportamentos manifestados pelos personagens diante da opção de um paciente pela morte. A película se desenrola no ambiente hospitalar da qual foram destacadas para a compreensão, cenas que envolvem um tetraplégico, a equipe médica e de enfermagem que dele cuida e a namorada desse paciente. A análise fundamentou-se no pensamento de Martin Heidegger sobre a existência humana e procurou mostrar que os profissionais de saúde costumam encarar a morte como um insucesso e uma inimiga a ser vencida. Diante da análise empreendida, as autoras trazem reflexões acerca dos comportamentos dos enfermeiros ao enfrentarem as situações de morte no cotidiano profissional.

PALAVRAS CHAVE: Atitude frente a morte; Morte; Existencialismo.

INTRODUÇÃO

A morte na sociedade ocidental tem sido encarada de várias maneiras. A sua trajetória histórica bem como o comportamento do homem diante dela, vem sendo estudada nas últimas décadas pelas ciências humanas e sociais. Mesmo assim, é um tema delicado e perturbador que motiva fuga, medo e inconformismo.

Em se tratando do ambiente hospitalar, a morte representa uma afronta à capacidade profissional. Ali, os que com ela se envolvem, pensam muito mais na preservação da vida e descartam o fenômeno como um acontecimento natural e certo da condição humana.

Diante dessa realidade, as autoras viram no filme “De quem é a vida afinal?” a possibilidade de estudar a morte através de uma abordagem compreensiva. Dessa forma, lançam um olhar diferenciado sobre o tema, levando os profissionais de saúde a uma reflexão acerca das várias nuances que abarcam tal fenômeno.

O presente estudo traz um análise fenomenológica da situação vivencial dramatizada no filme supracitado, cujo enredo, baseado em um fato verídico, retrata um grave acidente automobilístico sofrido por um escultor (Harrison) que o deixou tetraplégico. Decorridos 6 (seis) meses, ele começa a tomar consciência do seu estado. Ao perguntar ao médico se iria voltar a andar, a movimentar os braços e as

mãos, obtém um “não” como resposta. A partir daí, ele decide que quer morrer.

Com base na situação sobre a qual a película se desenrola, o trabalho teve como objetivo compreender os comportamentos manifestados pelos personagens, diante da opção desse paciente pela morte.

METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo proposto, assistimos várias vezes o filme, utilizando o videocassete. Selecionamos para análise algumas cenas que retratavam a luta de Harrison para ter o direito de morrer, e o inconformismo dos que o rodeavam: médicos, enfermeiros, estudante de enfermagem, psicóloga, atendente de enfermagem e namorada diante dessa determinação.

As cenas foram analisadas à luz da obra *Ser e tempo*, de Martin Heidegger, portanto nomeadas com expressões características do pensamento desse filósofo. Nesse ensaio literário o pensador fala da morte, tanto no cotidiano como no seu sentido mais próprio. No cotidiano, diz Heidegger, as pessoas percebem a morte apenas como “casos de morte”, ou seja, um acontecimento público conhecido, mas que não pertence a ninguém.

No seu sentido mais próprio, a morte é vista pelo homem como uma possibilidade da qual ele não pode escapar, nem ultrapassá-la. Não há o medo de deixar de viver, e sim, a coragem de olhar de frente o seu próprio fim. Foi este modo de pensar que norteou a análise empreendida a seguir.

ANÁLISE FENOMENOLÓGICA

O ser-com inautêntico: Harrison e o Dr. Emerson

Diante da condição de tetraplégico, Harrison começa a perceber o tratamento que lhe é dispensado no hospital. Revolta-se, o que faz com que os médicos lhe aumentem a dose de “valium” por via oral. Ele recusa, e o próprio médico administra, contra sua vontade, “valium” injetável, o que aumenta a sua revolta. Inconforma-se, diante de tal comportamento, porque tendo decidido que queria morrer, não era respeitado na sua decisão. Sente que a atitude do médico lhe assemelhou a forma como lidava com o “barro”, matéria prima utilizada em suas esculturas.

Na analítica existencial, realizada em *Ser e tempo*, Heidegger define a essência do homem como existência, possibilidade. A sua estrutura, enquanto tal constitui-se, entre outras, pela transcendência. Isto quer dizer que o homem está

¹ Trabalho orientado pela Prof^a Dra. Telma Aparecida Donzelli - IFCH/UERJ.

* Docente da Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem / UFC - Doutora em Enfermagem.

** Docente da Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem / UFC - Doutora em Enfermagem.

*** Docente da Escola de Enfermagem da UFBA - Doutora em Enfermagem.

em relação direta com o “mundo”², no qual ele foi lançado e se projeta sobre uma série infinita de possibilidades que sempre estão diante dele. Nesse projetar-se, porém, nunca está sozinho. Ele é um ser-com. Este modo relacional se manifesta sobretudo pela preocupação ou solicitude por outrem. A preocupação com o outro se apresenta de duas formas extremas: a solicitude autêntica e a solicitude inautêntica.

Na cena anteriormente mencionada (administração do “valium”), configura-se a forma inautêntica, pois o médico, com tal atitude, domina e pressiona o paciente, transforma-o em “coisa” e rouba-lhe a oportunidade de ser ele mesmo.

O direcionamento e o distanciamento

Prosseguindo na sua determinação de morrer, Harrison rompe com a namorada (Patty). Sua presença no hospital torna-se para ele um martírio, pois cada encontro o fazia recordar os planos que juntos haviam traçado. Também, não achava justo mantê-la presa àquela situação. Afinal, estava condenado a uma vida com sérias limitações, e na sua concepção, a namorada amava o que ele tinha sido antes, e não o que ele era agora.

Isto significa a mudança que vai se instalando em seu mundo próprio (as relações consigo mesmo), isto é, a constituição do espaço fenomenológico. Este tem, em Heidegger, dois movimentos fundamentais: o direcionamento e o distanciamento. A direção é sempre uma opção entre as muitas possibilidades. A relação do homem com as outras pessoas e as coisas se dá conforme o seu direcionamento. Nesse filme, o homem procede a um distanciamento, ou seja, afasta para aproximar. Afastar é eliminar todos os obstáculos para que a aproximação aconteça. E a namorada era um dos obstáculos que dificultava a sua aproximação com a morte.

O ser-com inautêntico: Harrison e a namorada

Sem aceitar a separação, a namorada tenta demovê-lo da idéia do rompimento, sugerindo que ele pensasse no quanto já tinham vivido juntos e no que foram um para o outro. Na sua perplexidade diz: “... agora eu não vou jogar tudo isso fora ... eu não posso esquecer ...”. Afirma ainda que ele não tem o direito de, sozinho, tomar decisões sobre o futuro dos dois.

Mesmo não conseguindo entender a opção de Harrison pela morte, decide não mais visitá-lo e nem comunicar-se com ele. No pensamento de Heidegger, este modo de Patty comportar-se denota o ser-com-o-outro inautêntico, já que não está atentando para a singularidade, para o em si mesmo do namorado.

O humano como possibilidade de “aís”

Não só a namorada, mas também os profissionais que o assistiam não aceitavam a sua decisão de morrer. Nesse contexto, destaca-se o papel da psicóloga que, na tentativa de dissuadi-lo da sua opção pela morte, oferece-lhe vários

“aís”: operar uma máquina de leitura, uma máquina de escrever adaptada, escrever um livro sobre escultura, uma novela ou poesias. Harrison responde:

“você acha que se pode mudar de arte como se muda de matéria na escola? Eu sou um escultor. Todo o meu ser, minha imaginação inteira, fala comigo da ... falava comigo através dos meus dedos. Eu era um escultor. E isso era toda a minha vida, acredite. Agora, vocês pensam que uma questão de sobrevivência ...”

Designando em sua analítica existencial o homem como ser-aí, Heidegger quis referir-se tanto à relação do ser com a essência do homem (existência), como à sua referência fundamental à abertura (“a”) do ser enquanto tal. Portanto, os “aís” são as várias possibilidades do homem.

Na concepção do pensador, o “a” é a concretude do nosso ser mais próprio, da singularidade e, assim, não se pode oferecê-lo a ninguém. Para Harrison só um “a” o concretaria, isto é, ser escultor e, se ele não podia mais sê-lo, não queria viver. Recusando os “aís”, ele estava em busca do seu ser mais próprio e, por isso, diante daquela oferta, teve um espasmo, uma dispnéia, deixando a psicóloga chocada.

O ser-para-a-morte cotidiano

Continuando firme em sua decisão e não encontrando apoio naqueles que o rodeavam, Harrison contrata um advogado para lutar pelo direito de morrer. Na verdade, não queria que o matassem, mas que lhe dessem alta, pois, sem os cuidados que lhe prestavam, não conseguiria sobreviver.

O médico, Dr. Emerson, considerando a morte como uma inimiga, recusa-se a atendê-lo em sua solicitação. Argumenta, dizendo que fez um juramento de preservar a vida e não de destruí-la. Além disso, muitos esforços e muito dinheiro tinham sido investidos na tentativa de salvá-lo.

Cabe acrescentar aqui a reação da Dra. Scott, médica que fazia parte da equipe que o acompanhava. A princípio, ela também não aceita a opção de Harrison pela morte e solicita ajuda da namorada para convencê-lo a mudar de idéia.

A compreensão à luz de Heidegger mostra que Patty, a psicóloga, o Dr. Emerson, a Dra. Scott e até mesmo o advogado contratado por Harrison, aderem, com seus comportamentos ao modo do ser-para-a-morte cotidiano. Neste contexto incluem-se ainda os enfermeiros, a estudante e o atendente de enfermagem, personagens que lhe prestavam assistência e que foram bastante destacados no desenrolar do filme.

O modo do ser-para-a-morte cotidiano ou inautêntico preconiza a morte como algo sempre “real”. No entanto, lhe encobre o caráter de possibilidade e seus momentos de irreversibilidade e insuperabilidade.

Esta forma de escapar da morte, explicita Heidegger, domina o cotidiano com tamanha teimosia que, na convivência, os que estão próximos freqüentemente ainda

² O mundo é o círculo de interesses, preocupações, desejos, idéias, objetos, conhecimentos. É o conjunto de condições sócio-econômicas, históricas e geográficas, no qual o homem está situado.

convencem o moribundo que ele terá que escapar da morte e, dessa forma, retornar à monotonia e à acomodação do seu mundo. Assim, os comportamentos analisados nesta cena, constituem-se no modo de ser impróprio, inautêntico, no qual a morte se desentranha como perda e, mais do que isso, como aquela perda experimentada pelos que ficam.

O ser-para-a-morte autêntico

À medida que o tetraplégico vai constituindo seu espaço e tempo próprios, ou seja, não cede ao espaço e tempo públicos nos quais prevalecem a vontade dos outros e não a sua, a namorada aceita o seu desejo de morrer.

Tanto que, diante da sugestão da Dra. Scott de que ela deveria tentar dissuadi-lo, diz que tal determinação é um direito dele. Por sua vez a médica, que antes ficava dividida entre acatar a escolha do paciente e a luta pela preservação da vida, termina entendendo o seu modo de pensar.

Finalmente, Harrison consegue formar um corpo de jurados que dará o veredicto sobre a sua decisão. E apesar dos pronunciamentos em contrário, defende-se afirmando que é uma crueldade não darem à pessoa o direito de escolha. Vale-se, na oportunidade, do desequilíbrio que instalou-se entre sua mente e seu corpo. Assim, seu discurso consegue sensibilizar o juiz, que termina por lhe dar ganho de causa.

O que foi exposto, caracteriza, em Heidegger, o modo do ser-para-a-morte autêntico das pessoas envolvidas, ou seja, o atentar para a morte como a possibilidade mais própria - diz respeito ao poder-ser (possibilidade) do ser-aí; irremissível - pertence exclusivamente a ele; insuperável - é a sua última possibilidade.

EXPERIÊNCIA X VIVÊNCIA DA MORTE

Como se pode observar, o filme gira em torno da questão da morte, mais precisamente da opção de um tetraplégico pela morte. Em Heidegger, esta é uma das dimensões existenciais do homem. Na análise empreendida por este filósofo sobre o tema, o leitor encontra uma distinção entre a experiência e a vivência da morte. Assim, todas as pessoas que rodeiam o protagonista tem a experiência da morte. Somente Harrison tem a vivência da morte, pois Heidegger afirma que só podemos ter a vivência da nossa própria morte e nunca da morte do outro.

A luta de Harrison pelo direito de morrer caracteriza, no pensar desse estudioso da existência humana, o modo do ser-para-a-morte autêntico. Isto porque, enquanto ser-no-mundo³, a sua direção, o seu movimento mais próprio, é ser escultor. E, já que não lhe era mais possível, sua autenticidade se expressa na opção pela morte.

Na compreensão de Heidegger, o tetraplégico estaria abraçando a dimensão da angústia. Esta é, dentre todos os sentimentos e modos de ser da existência humana, aquele que traz o homem de volta à sua totalidade, afastando-o da banalidade cotidiana.

Todo o discurso de Harrison, no desenrolar da película, expressa a sua angústia existencial, já que passa a considerar as emoções e preocupações cotidianas e vulgares como insignificantes, atentando para o seu ser mais próprio, colocando-se diante de si mesmo.

A fita escolhida para análise mostra que os profissionais de saúde lidam com a morte como uma inimiga que deve ser vencida. No tocante aos enfermeiros, no cotidiano da prática profissional, encarar a finitude tem sido uma tarefa árdua e penosa. Apesar dos estudos até agora desenvolvidos sobre a temática, estes parecem continuar despreparados para enfrentar as situações de morte. Quando estas se apresentam, muitos fogem, preferindo envolver-se com as normas e rotinas administrativas.

Portanto, mudar o comportamento diante da morte requer do enfermeiro uma postura reflexiva do seu ser-no-mundo-com-o-outro, aceitando a morte como atributo inalienável do ser-aí.

À medida que este profissional regular a sua assistência pela intersubjetividade, será capaz de compreender o outro em sua finitude. Esse modo de ser o conduz a relegar uma práxis apoiada no modelo científico, voltando-se para a experiência vivida pelo outro.

O filme deixa como mensagem, dentre outras, que aos doentes deve ser dado o direito de tomar decisões sobre suas vidas e seus próprios corpos.

ABSTRACT: A phenomenological analysis on the theme death performed in a movie entitled "Whose life is this after all?". The study has the purpose of understanding the behaviors manifested by the actors regarding patient's option towards his death. The movie picture occurs in an hospital environment. Scenes that involve a tetraplegic patient, the medical and nursing team that take care of him, and his girlfriend. The analysis was based on Martin Heidegger's thoughts about human existence. It showed that health professionals are used to face death as a failure and as an enemy to win. As a result of the analysis the authors bring up reflections concerning nurses behaviors in coping with death situations in their daily practice.

KEY WORDS: Attitude to death; Death; Existentialism.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1993. pt. 1.
2. _____. _____. Petrópolis: Vozes, 1993. pt. 2.
3. _____. Que é metafísica? In: _____. **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
3. LOUREIRO, M.F.F. **O sentido do comportamento materno diante da morte do filho**. Fortaleza, 1996. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Ceará.

³Ser-no-mundo - expressão utilizada por Heidegger para designar que o homem está imerso, situado, em relação com o mundo.